

# A franqueza que irritou mas ajudou FH a governar

Ana Tavares, única assessora que ficou dez anos com Fernando Henrique no governo, sai sem ostentar o poder que teve

Cardoso, Fernando Henrique

Ricardo Stuckert/ Isto É

Rodolfo Fernandes

• O Brasil se acostumou a conviver, nos últimos dez anos, com a figura amena e desestressada do professor Fernando Henrique Cardoso, seja como chanceler, ministro da Fazenda ou nos dois mandatos de presidente da República. A quem lhe pergunta se tamanha responsabilidade nunca produziu momentos de irritação, o próprio Fernando Henrique tem uma resposta na ponta da língua:

— Pergunte para a Ana.

A versão é chancelada por Paulo Henrique Cardoso:

— Quando penso nos momentos de tensão do meu pai, eu penso na Ana. Ela é que sofre, é o fio terra dele — diz o filho do presidente.

Ana, no caso, é a jornalista Ana Elisa Tavares de Miranda, a poderosa e discreta — não necessariamente nesta ordem — secretária de Imprensa da Presidência da República, que ajudou a construir uma relação muito singular entre poder e mídia nos últimos anos na República, um tempo em que críticas não viraram crises de Estado. Sua permanência no Planalto por oito anos realmente chama a atenção, sobretudo diante do retrospecto dos antecessores: os jornalistas Alexandre Garcia (Figueiredo), Fernando César Mesquita (Sarney) e Cláudio Humberto (Collor) não ultrapassaram a barreira dos dois anos num cargo por onde circulam todas as crises de governo.

Talvez o aprendizado de Ana tenha começado antes mesmo de chegar ao poder, com a resistência demonstrada para conviver no ambiente de intrigas comum, desde sempre, em entorno de Fernando Henrique. Não são raros os casos de amigos de FH que até hoje não se falam, por conta de uma disputa, mais afeita ao campo psicológico do que propriamente ao político, pela sua amizade. Neste ambiente rico mas turbulento, Ana Tavares sobrevive há 20 anos, desde que foi trabalhar, ainda em São Paulo, com o sociólogo que se iniciava na política. Ao lado dele, acompanhou o começo do mandato de senador, em 1983; a derrota para prefeito de São Paulo, em 1985; o trabalho na Constituinte, de 1986 a 1988; a saída do PMDB para o PSDB e todas as crises nos governos Sarney e Collor.

Se tudo isso não bastasse para uma relação tão especial entre os dois, Ana Tavares é a única auxiliar que chegou ao poder com FH em 1992 e que está saindo com ele agora. Ao deixar o Senado para virar chanceler do governo Itamar Franco, Fernando Henrique cruzou a avenida que separa o Congresso do Palácio do Itamaraty levando apenas duas pessoas: a própria Ana Tavares e Eduardo Jorge. Trocou de lado na Esplanada dos Ministérios e foi para a Fazenda novamente com os dois a tiracolo. Assumiu a Presidência da República e lá estavam Ana Tavares e Eduardo Jorge. Assim foi o primeiro mandato inteiro. Por razões até hoje ainda não muito claras, Eduardo Jorge saiu do governo no fim do primeiro mandato para a coordenação logística da reeleição e não voltou mais. Ana Tavares é, portanto, a única auxiliar que atravessou ao lado de FH os seus dez anos de poder.

Como testemunha exclusiva dos bons e maus momentos, ela teria um rico depoimento a dar, para a imprensa ou para a história. Mas a imprensa, com certeza, e a história, muito provavelmente, terão que buscar outras fontes para relatar esse período. Ana recusa-se liminar e terminantemente a considerar essa hipótese. Entrevista, nem pensar. Durante os oito anos em que ocupou uma ampla sala no segundo andar do Palácio do Planalto, que foi decorando aos



ANA TAVARES (de costas) pára a República: Fernando Henrique, o chefe de gabinete José Lucena, o ajudante de ordens e o vice Marco Maciel ouvem a secretária de Imprensa

Roberto Stuckert Filho

poucos com as fotos mais marcantes da Era FH, nunca deu uma única declaração, saiu numa foto, apareceu como fonte em reportagem ou foi foco de crise na sua área de atuação. Mas a marca mais forte do seu período no governo é também um outro gesto que não produziu: não há registro de um único telefonema que tenha dado para uma redação de jornal, rádio, revista ou televisão para reclamar de reportagem sobre o seu chefe — nem na época do dossiê Cayman, os falsos documentos com que Fernando Collor, Paulo Maluf e Gilberto Miranda tentavam chantagear o governo e que ganharam livre curso em toda a mídia.

## “Então leva ela para o Rio”

• A sobrevivência nesse ambiente pode dar a impressão de que a sua personalidade é fraca. Pelo contrário, às vezes é forte até demais para os rígidos protocolos do poder. Possivelmente, a resposta mais apropriada para alguém que lhe perguntasse se teve momentos de irritação nesses dez anos fosse algo assim:

— Pergunte para o FH — diria ela, chamando o chefe pela sigla, umas das várias maneiras que se refere a ele, além de presidente e Pena Branca (código utilizado pela equipe de comunicação na campanha de 98).

A relação dos dois é mesmo singular. Na primeira vez que foi a Brasília conversar com Fernando Henrique, o então governador do Estado do Rio, Anthony Garotinho, fez uma brincadeira no gabinete:

— Ana, eu vou ser presidente da República e queria que você continuasse aqui comigo quando terminar o governo Fernando Henrique.

Antes que a própria Ana Tavares dissesse qualquer coisa, FH — no melhor estilo quem-deshenja-quer-comprar — respondeu:

— Então por que você não leva ela para o Rio agora?

Diálogos como esse foram comuns nos últimos oito anos no gabinete do presidente. Sempre que se sentia acossado por alguma pergunta ou queria desanuviar o ambiente, Fernando Henrique fazia uma brincadeira com Ana Tavares. Com o sangue pernambucano que lhe corre nas veias, muitas vezes as brincadeiras eram devolvidas ao autor que, por sua vez, como perde amigos mas não as piadas, batia



O PRESIDENTE com sua mais próxima assessora, cuja franqueza “pode até irritar, mas é necessária”

de volta. Assim, FH e Ana às vezes ficavam num pingue-pongue particular diante de seus interlocutores. Certa vez, enquanto FH conversava com uma pessoa, Ana dirigiu-se ao lado oposto à saída do gabinete presidencial. Alguns minutos depois voltou. FH olhou para ela, e perguntou:

— O que houve?

— Fiz uma coisa que não fazia desde os tempos do Senado.

— E o que foi, Ana? — quis saber o presidente.

— Escovei os dentes no seu banheiro.

FH fez um ar condescendente e comentou, carinhosamente:

— Não dá para ser presidente da República com uma assessora assim.

Ela é capaz, também, de pegar a deixa do presidente numa entrevista e desconcertá-lo. Quando explicava recentemente que uma vez foi a São Paulo em segredo, sem a imprensa perceber, o presidente foi interrompido pela secretária de Imprensa:

— Depois de uma semana ele não agüentou. Como ninguém soube, então ele foi jantar com jornalistas para contar... — ironizou Ana Tavares.

Alguns interlocutores do presidente chegaram a presenciarem os dois discutindo em voz alta. Mas nunca ninguém teve coragem de se intrometer numa relação tão fechada. Aliás, um tenente do ministério Sérgio Motta. Como da parte de Ana isso nunca foi contado, e o presidente também não passou adiante a his-

tória, sabe-se apenas que essa proximidade incomodava, e muito, o poderoso ministro. Ele teria tentado alijá-la na formação do governo, em 1994. O que Serjão realmente disse para o presidente, e o que ouviu de volta, é difícil saber. O fato é que todos os outros auxiliares foram se descontruindo ao longo do governo — a começar do próprio Serjão — e Ana ficou.

## “Franqueza que irrita e lealdade”

• Que o tom das conversas dos dois muitas vezes foi alto demais, vários interlocutores presenciaram e o próprio FH admite. Há versões de que, no auge das dificuldades do segundo mandato, a franqueza dos comentários da secretária de Imprensa passou a incomodar o presidente de forma mais constante. Mas o fato é que ela nunca deixou de ser prestigiada na sua função. Algumas vezes, o próprio presidente foi visto despachando tranquilamente — se isso é possível entre os dois — no gabinete de Ana, fato incomum no Palácio e prova de prestígio pelos códigos do poder.

No dia em que tomou uma das decisões pessoais mais difíceis de seu governo, a demissão, em setembro de 1998, do ministro do Desenvolvimento e ex-chefe da Casa Civil Clóvis Carvalho, Fernando Henrique

deu seguidos telefonemas do Palácio da Alvorada para Ana, a fim de fundamentar sua decisão. Por nunca ter se caracterizado como membro do que o próprio FH chama de “círculo palaciano”, a secretária sempre foi usada por ele como uma voz sintonizada com a opinião pública.

É o próprio Fernando Henrique o primeiro a reconhecer o valor (e a dureza) dos conselhos da assessora:

— A Ana tem qualidades que são raras: lealdade, intuição, competência no lidar com a área dela e franqueza, uma franqueza que pode até irritar, mas que é necessária, sobretudo para quem está no centro do poder — disse FH ao GLOBO.

Tratada muitas vezes dentro do governo como secretária da imprensa e não de imprensa, Ana conseguiu construir um bom relacionamento até em áreas que tradicionalmente se chocam com o trabalho dos jornalistas, como é o caso da Casa Militar da Presidência (hoje Gabinete de Segurança Institucional). Na história recente das relações dos jornalistas com os militares da segurança presidencial, nunca houve ânimos tão desarmados. A ponto de o general Alberto Cardoso ter presenteado Ana com uma réplica do bastão de comando com que os militares conduzem a tropa.

Ela também jogou em dupla com Pedro Malan, como é possível notar no depoimento do ministro da Fazenda:

— Ana Tavares é uma força da natureza. Sua integridade de caráter, sua absoluta franqueza e sua astuta sensibilidade lhe permitiram, ao longo desses oito anos, manter um admirável equilíbrio entre sua ferrenha lealdade ao presidente e ao governo a que serviu e um exemplar relacionamento com os profissionais dos meios de comunicação. Tenho profunda admiração por ela — diz Malan.

Deve ter contribuído também para um menor desgaste no ambiente palaciano o estilo espartano que Ana Tavares se impôs. Em oito anos, não mudou de padrão de vida, mora no mesmo apartamento de dois quartos, mantém os mesmos amigos de antes, veste-se da mesma maneira, os óculos têm o mesmo design — nem o corte de cabelo mudou nesse período. O almoço é sempre no próprio Palácio, e a jornada de trabalho não tem hora para terminar, já que ela faz questão de devolver todas as ligações que recebe. Como escreve, em sua coluna no GLOBO, o jornalista Marcio Moreira Alves — um dos maiores críticos na imprensa da política econômica do governo — “Ana não mente nunca”:

“Discreta e veraz, nunca deixou um telefonema sem resposta e, mais importante, jamais tentou vender gato por lebre, desmentindo alguma notícia verdadeira, ainda que sigilosa, ou tentando levar os colegas para caminhos tortuosos do interesse do governo”, afirmou Márcio.

Tanto poder fez dela, muitas vezes, o caminho mais curto até o presidente da República. Alguns políticos usaram o atalho, e até o craque Ronaldo recorreu a ela em mais de uma ocasião para falar com Fernando Henrique. Por esse eixo transitou uma parte dos entendimentos para a seleção brasileira visitar o Palácio do Planalto, após as copas de 98 e 2002. Políticos do PT, como o atual presidente do partido, José Genoino, também mantiveram bom relacionamento com ela nos anos de governo. O próprio assessor de imprensa de Lula, Ricardo Kotscho — que, a convite de Ana, esteve presente à posse de FH em 95 e que agora a substituirá no cargo — reconhece isso:

— A imprensa é a área em que a transição dos dois governos vai ser mais tranquila. Aliás, se dependesse de mim, a Ana ficaria, pois, além de competente, ela gosta do Lula mais ainda do que eu. ■